

# Arte Rupestre

Conceitos introdutórios  
Por Rodrigo Simas Aguiar





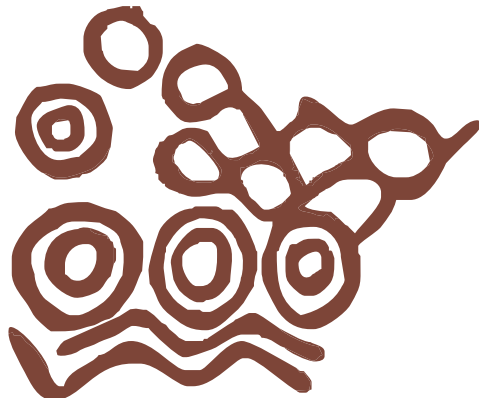
Denominamos arte rupestre as pinturas e gravuras feitas sobre paredões rochosos por populações da pré-história.

Os arqueólogos dividem a arte rupestre em dois grupos, de acordo com a tecnologia empregada: as pinturas rupestres são chamadas de “pictoglifos” e as gravuras de “petroglifos”.

Esses artistas da pré-história usavam diferentes técnicas para efetuar seus desenhos, seja extraíndo pigmentos de minerais ou percutindo uma pedra contra um paredão rochoso.

As pinturas são classificadas em duas categorias: as monocromáticas, onde os desenhos são representados em uma única tonalidade; e as policromáticas, que apresentam a combinação de duas ou mais cores na composição do desenho rupestre.

Já entre as gravuras há duas modalidades: as picoteadas, obtidas por percussão; e as polidas, feitas por fricção.



A arte rupestre é um fascinante campo de estudo da arqueologia. Sempre nos vemos intrigados pelos belos símbolos pintados ou gravados, tentando imaginar que mensagens estariam nos transmitindo. Nas palestras que ministrei sobre o tema, sempre busquei explicar que a arte rupestre não é somente arte, pois sua função ia muito além da estética. Apesar de muito belos, os grafismos rupestres têm a propriedade de transmitir mensagens, sendo quase uma forma de escrita. Outra possível função da arte rupestre estaria associada a práticas mágico-religiosas. Diante destas informações surge sempre a mesma pergunta: é possível “traduzir” a arte rupestre?

Uma tradução dos grafismos rupestres é impossível, pois para tanto seria necessário conhecer com precisão os códigos que regem a composição destes símbolos. Ou seja, na medida em que lemos um texto (como esse que estamos a ler) o que o nosso cérebro faz é traduzir em uma fração de segundos os inúmeros símbolos ali expressos, associando os ícones gráficos com seus códigos - ou seja, é assim que sabemos que determinado símbolo corresponde a letra “A”, por exemplo.

No caso da arte rupestre temos o desenho, ou seja, o ícone gráfico, mas desconhecemos os códigos simbólicos usados pelos autores para lhe atribuir

significado. Por outro lado, isso não quer dizer que não seja possível obter pistas da função que estes símbolos tinham para aquelas populações pré-históricas. Se uma “tradução” é praticamente impossível, o que o arqueólogo faz é chegar a uma proposta de quais funções teriam estes grafismos, obtendo um sistema mais genérico de interpretação da arte rupestre.

Diante disso, entende-se a arte rupestre como o registro físico da esfera simbólica e ritualística daquelas populações que ocuparam uma determinada região há milênios. Não temos sua tradução, mas sabemos que se trata de um campo simbólico porque são desenhos que representam idéias e valores daquelas sociedades, podendo ocupar papel também nos rituais - como os de iniciação ou de culto.

Para buscar linhas de



interpretação o arqueólogo deve estudar o ambiente local e pensar como se dava a relação dos homens da pré-histórica com esse entorno. Neste trabalho, o pesquisador deve partir do inventário da arte rupestre e, em segunda instância, da análise dos vestígios arqueológicos levantados em escavações tradicionais.

Há muito a arqueologia discute a possibilidade de que a arte rupestre tenha um valor religioso, mágico. Os símbolos rupestres poderiam ser uma espécie de magia simpática relacionada com caça - onde o caçador primeiro captura a essência do animal cobiçado por meio de sua representação nas paredes de pedra, o que traria êxito na caçada. Em outros casos, os desenhos rupestres estariam associados a formas de culto estelar.

Com base na análise dos elementos e suas repetições, o arqueólogo francês André Leroi-Gourhan verificou que certos povos que ocuparam determinada região da Europa na era paleolítica projetaram um pensamento estruturado nas paredes das grutas, onde os símbolos estariam agrupados em setores obedecendo a regras de associações. O trabalho de Gourhan demonstrou que, a partir do estudo da arte rupestre, é possível determinar aspectos da cultura não material dos povos da pré-história, o que seria impossível apenas com a tradicional escavação arqueológica.







No Brasil, os arqueólogos promovem o ordenamento da arte rupestre em chaves de classificação, denominadas tradições. As diferentes manifestações iconográficas são ordenadas respeitando semelhanças no estilo e na técnica de elaboração. Essas chaves classificatórias permitem que todos os arqueólogos “falem uma mesma língua”. As principais tradições arqueológicas propostas para o ordenamento da arte rupestre no Brasil são as seguintes: Tradição Agreste, Tradição Nordeste, Tradição Planalto, Tradição São Francisco, Tradição Geométrica, Tradição Litorânea, Tradição Meridional e Tradição Amazônica. Contudo, inúmeras particularidades registradas em nível regional geraram diversas subdivisões.

A partir das chaves de classificação é possível inserir o material rupestre levantado em um contexto mais amplo, de caráter nacional. As características estilísticas podem ser compartilhadas por diferentes grupos étnicos, assim sendo, as classificações não são recursos para a busca de uma filiação étnica.

A arqueologia aparece como ciência que busca compreender o passado humano pelos restos materiais. O arqueólogo não é um viajante do tempo, ou seja, o passado está perdido e não é possível recriá-lo. O que o



arqueólogo faz é interpretar como a vida poderia ter sido no passado, tomando por base as evidências materiais levantadas em sua pesquisa. Assim, é possível criar um quadro geral da vida dos povos. A arqueologia divide-se em muitos campos, sendo a arte rupestre um campo especializado dentro da arqueologia. Como não podemos decifrar com precisão os desenhos, é fundamental estar atento às técnicas de produção. Ciente disso, o arqueólogo registra informações diversas sobre a arte rupestre, como estilo, maneira de pintar ou gravar, largura dos sulcos ou

linhas, tipos de associações de desenhos, fontes de água mais próximas, e assim por diante. Essas informações, quando combinadas a outras, vindas de escavações arqueológicas tradicionais, auxiliarão na composição do contexto em que a arte rupestre está inserida.

*Fotos e texto de Rodrigo Simas Aguiar*

Locais das fotos:

No Piauí: Serra da Capivara, São Raimundo Nonato.

Em Mato Grosso do Sul: Alcinópolis, Rio Negro e Corguinho.

Em Santa Catarina: Ilha dos Corais.

Como citar esse texto:

AGUIAR, Rodrigo L. S. (2012). Arte Rupestre: conceitos introdutórios. Disponível em: [www.scribd.com/rodrigo\\_simas\\_aguiar](http://www.scribd.com/rodrigo_simas_aguiar)

# Arte Ruprestre

Conceitos introdutórios  
Por Rodrigo Simas Aguiar

